

Entrevista: Walmor Corrêa.

Nem perfeita, nem recusável: simplesmente falha. A ciência a partir dos questionamentos da arte.

Por Carla Gavilan Carvalho¹



¹ Carla Gavilan é jornalista, formada pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e aluna do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

Figura 1) Detalhes do artista em seu ateliê, em Porto Alegre, RS. Destaque às fotografias de infância em que Walmor aparece com suas maiores referências: o pai e a natureza.

Crédito: Autora, novembro: 2009.

Walmor Corrêa é um dos artistas brasileiros contemporâneos mais reconhecidos, nacional e internacionalmente, por desenvolver um trabalho norteador pela interação entre arte e ciência. O artista, que é natural de Santa Catarina, apresenta em sua trajetória constantes dúvidas sobre as razões e os métodos científicos consagrados na modernidade. Nos corpos estranhos, poeticamente produzidos, uma possível materialização dos mitos e personagens do folclore que povoam o imaginário do Brasil há mais de 500 anos.

As obras de Walmor Corrêa já foram vistas em exposições coletivas nos EUA ("Cryptozoology"), Argentina, Equador, Uruguai, Alemanha, Espanha, Brasil e África.

Nesta entrevista, durante sua participação na VII Bienal de Artes do Mercosul, na cidade de Porto Alegre, ele fala sobre o processo de criação, pesquisa do folclore brasileiro e as falhas da ciência na contemporaneidade.

1) Carla Gavilan - Sua formação acadêmica é em arquitetura e publicidade e propaganda, como foi o processo de chegar às artes plásticas?

Walmor Corrêa: Eu considero como um parto, literalmente um parto. Cheio de dor, solidão e muitas dificuldades. Isso porque eu não tive base artística alguma, nenhum tipo de referência. Por exemplo, nunca fui muito bom em desenho, então eu tive que criar todo o processo, buscar minhas próprias inspirações e os meios artísticos para produzir. No começo era tudo muito complicado porque eu trabalhava o dia todo e o único tempo disponível para a arte era durante a noite, momento em que eu procurei praticar o desenho. Mas hoje eu vejo que tudo foi no tempo certo, cada descoberta, cada novo olhar. Foi justamente esse caminho que me transformou no eu sou hoje: eu pesquiso, eu pinto, desenho, faço escultura, tive que aprender a fazer também a taxidermia, no começo era um trabalho desenvolvido por um amigo biólogo, mas hoje eu também faço. Então não há um nome fechado para o trabalho que faço hoje porque não faço somente pintura ou somente desenho. Minha proposta é trabalhar sempre com essas possibilidades que hoje eu sei fazer.

2) Carla Gavilan – Uma proposta ousada, tanto nessa mistura de processos artísticos quanto nas temáticas, aliás, a própria temática, nesse caso, faz alusão ao processo da obra, que é onde vemos a ciência. Como que depois de conquistar a prática nesses campos artísticos você começou a questionar a ciência?

Walmor Corrêa: Não sei dizer se isso aconteceu de forma separada, com os estudos as coisas vão acontecendo e a gente vai ficando com maior intimidade com a técnica e com o trabalho. Eu sempre fui autodidata tanto na técnica quanto nas pesquisas. Eu sempre tive um interesse especial pela ciência. Não somente a ciência de livros, de fórmulas. Quando eu era criança, meu pai brincava comigo de fazer pequenos passeios pela mata e, com isso, ele criava animais, contava histórias de bichos muito diferentes, misturados, de corpos distintos que eu adorava.



Figura 2) Na biblioteca, fotografias da infância. Crédito: Autora, novembro: 2009.

Na adolescência tive o incentivo de um professor nas aulas de biologia para desenvolver de maneira mais profunda os trabalhos escolares, então desde ali eu já tentava reproduzir minhas curiosidades em torno desse universo.

Da minha maneira, eu estava sempre desenhando e já nesses desenhos essas fronteiras começavam a ficar frágeis.

3) Carla Gavilan - Você se refere a fronteira entre homem e animal?

Walmor Corrêa: Sim, sim. Em brincar com essa separação.

4) Carla Gavilan - O trabalho que mais exemplifica essa sua pesquisa são os *Atlas de Anatomia* em que você ilustra como seria, de forma muito rica e detalhada inclusive, parte do funcionamento do organismo de alguns seres folclóricos como a Ondina, o Curupira, Capelobo e a Cachorra da Palmeira. Como foi a escolha de trabalhar com esses personagens?

Walmor Corrêa: Esse trabalho foi muito apaixonante. Antes dele eu já tinha desenvolvido alguns híbridos com a criação de pequenos insetos, que formaram minha caixa entomológica, em que eu apresentava minhas impressões sobre a natureza, assim como os questionamentos sobre a Teoria Evolucionista, frente as possibilidades de criação da arte. A partir daí fui dando vida aos seres que criei durante minha infância. Então foi uma série de trabalhos que apresentam essa perspectiva de híbridos, mas todos, claro, improváveis, fictícios. Brinquei com os corpos de répteis, mamíferos, aves. Em seguida, me dediquei aos estudos das cartas do Padre Anchieta que retratavam a natureza do Brasil da época da colonização e nessas cartas, além da natureza e dos povos que aqui habitavam, Anchieta registra também um pouco do imaginário que encontrou e que estava ainda conhecendo. Com isso, foi possível visualizar a quantidade de documentos que temos em nossa história que relatam a experiência de pessoas que afirmam terem tido algum tipo de contato com seres imaginários, como uma sereia.

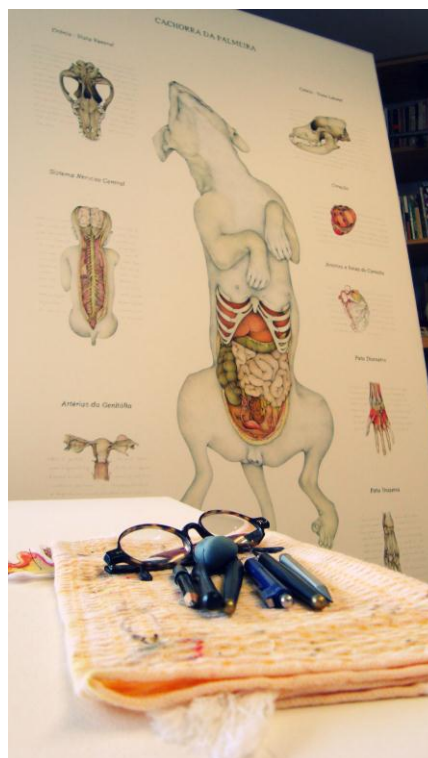
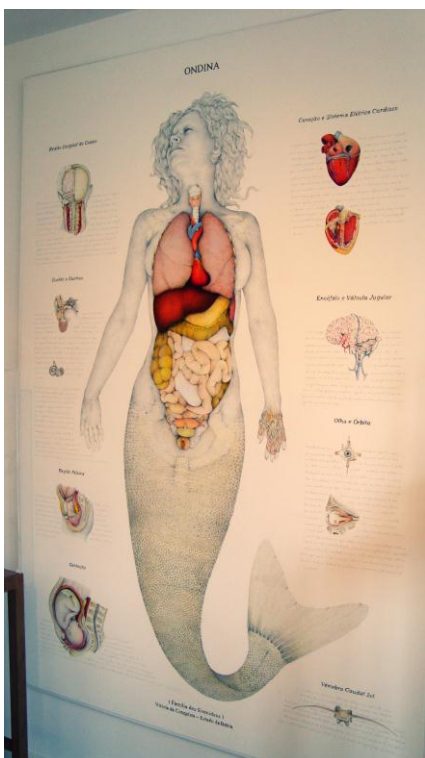


Figura 3) “Ondina”, a mulher-peixe.
Crédito: Autora, novembro: 2009.

Figura 4) “Cachorra da Palmeira”
Crédito: Autora, novembro: 2009.

A partir disso eu decidi catalogar seres oriundos da natureza para fazer um processo que chamo de “dissecação do imaginário”. Escolhi o Curupira, a Ondina (ou a sereia), a Cachorra da Palmeira, o Capelobo e o Ipupiara. Personagens que a partir dos contos, histórias e do folclore são seres que possuem corpos misturados, que são híbridos de homem e animal. Alguns deles são bem regionais, como a Cachorra da Palmeira, outros são bem conhecidos, como o Curupira e a Sereia. São seres que resistiram ao tempo, que permanecem no imaginário de muitas pessoas e que estão documentados em nossos primeiros registros.

5) Carla Gavilan – Quando olhamos para essas pinturas é perturbador porque, a princípio, reconhecemos essa estrutura didática, os atlas, que são utilizados na escola durante as aulas de biologia, mas são seres que, como você disse, são imaginários. Nós vemos um pôster de anatomia que descreve com riqueza de detalhes o corpo de uma sereia, você se apropriou dessa forma científica de trabalho para a arte, como isso surgiu como uma escolha de trabalho?

Walmor Corrêa: Eu acredito que tudo isso faz parte do processo, como eu sempre explico, que a biologia sempre me despertou muito interesse, a questão da minha infância, a própria curiosidade que sempre me leva a estudar, a pesquisar por conta própria. Então meu caminho foi surgindo. Essa série eu chamo de *Unheimlich*, um termo do Freud que se refere ao que nos é *estranhamente familiar* e que é proposital, como você mesma acaba de afirmar, que de cara causa um estranhamento, mas que ao mesmo tempo é conhecido.

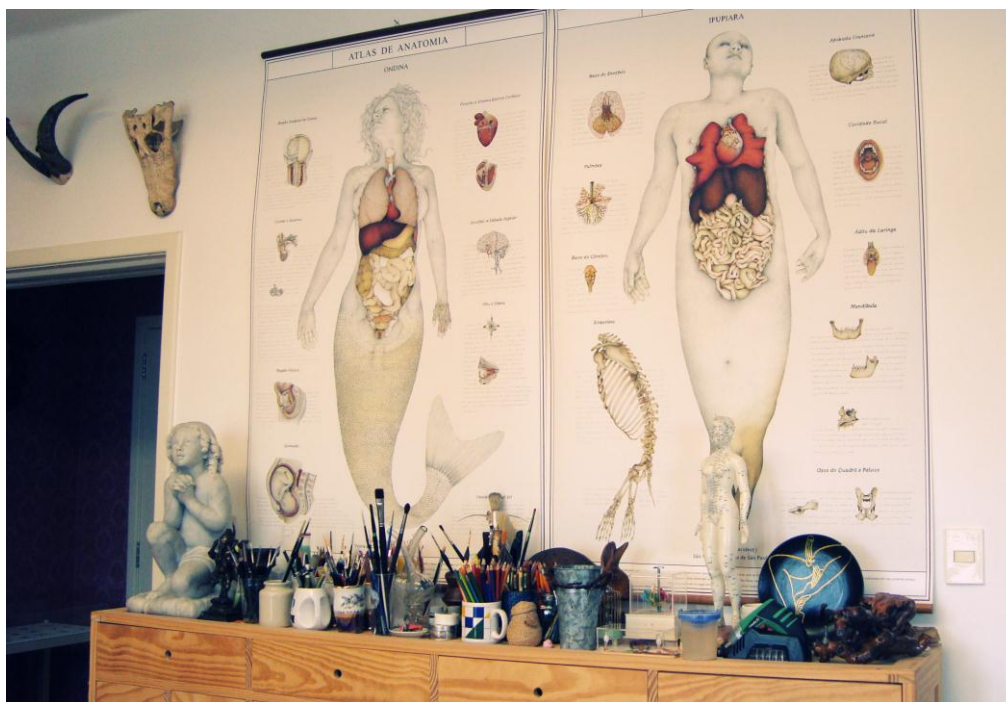


Figura 5) “Ondina” e “Ipujiara”.
Crédito: Autora, novembro: 2009.

Depois de pesquisar bastante o folclore brasileiro e a cultura popular eu escolhi esses ícones do imaginário nacional e me perguntava: “Mas como seria o coração de uma mulher-peixe? Como seria o organismo de uma mulher-peixe durante uma gestação?”. Eu queria muito ver isso, visualizar isso, ter uma noção de como a ciência e a medicina me explicariam isso. E assim foi para os outros seres, cada um com suas particularidades, em cada trabalho eu destaco algumas particularidades do organismo deles, de acordo com o que nos é transmitido pelos contos, pelo folclore, por nossos avós, pais.

6) Carla Gavilan – Como você mesmo explica, nesse trabalho você quis fazer uma ‘dissecação’ do imaginário, como foi pensar e produzir esses corpos?

Walmor Corrêa: Eu fui buscar o que a ciência tinha para isso, o que a ciência explica sobre isso, sobre esses corpos, em como é o coração de um réptil, de um mamífero, de uma ave para, a partir disso, criar os órgãos e a estrutura do imaginário. Então eu primeiramente busco uma descrição detalhada de aspectos anatômicos e fisiológicos desses animais, que nunca tinham sido estudados.



Figura 6) Presença de instrumentos científicos para a produção de arte.

Crédito: Autora, novembro: 2009.

7) Carla Gavilan - E como funciona sua pesquisa? Como é esse processo de criação?

Walmor Corrêa: Além das pesquisas em livros, internet, em bibliotecas eu sempre consulto um especialista. Eu marco uma hora, uma sessão para isso, para que possa trocar uma idéia, esclarecer algumas dúvidas.

8) Carla Gavilan - Mas como isso funciona, você procura um médico, no consultório, horário agendado?

Walmor Corrêa: Sim, exatamente. Eu marco uma consulta normal, aliás, eu pago por essa consulta, fico lá os quarenta minutos que me é de direito para isso, para o meu trabalho, para compreender o máximo possível o funcionamento do organismo desses seres.

9) Carla Gavilan - Você tem se dedicado ultimamente aos estudos do funcionamento do cérebro e para isso conta com a colaboração de um neurologista. Com frequência você cita a participação de médicos e especialistas no seu processo de criação, como biólogos e cardiologistas. Como é essa parceria? Quer dizer isso é uma parceria? Como eles te recebem?

Walmor Corrêa: Ah, hoje eu posso afirmar que é uma parceria porque eu conto com profissionais que são meus amigos. Mas o começo foi muito difícil porque eu precisava deles, precisava desse suporte e tinha que arriscar, o jeito mais coerente que pensei foi de realmente procurar um consultório com hora marcada e tudo como eu expliquei.

A primeira vez que fiz isso foi muito curioso. Eu marquei com um cardiologista e, quando chegou minha vez, eu entrei no consultório e ele perguntou o que eu tinha. Eu respondi que não tinha nada, que estava bem e comecei a explicar que o que desejava era esclarecer algumas dúvidas quanto ao coração de uma mulher-peixe. (risos!).

Eu mostrei alguns desenhos, rabiscos, minhas anotações, mas ele (médico!) se recusou a me atender. Disse que se fosse para ajudar a mim tudo bem, que ele faria uma consulta normal, mas caso contrário que ele não iria participar “daquela loucura”, como ele chamou.

Eu expliquei tudo, do que se tratava que eu era um artista, mas ele se recusou firmemente. Então com o tempo eu tive que contar mesmo com a ajuda dos amigos próximos que tinham médicos na família ou que conhecessem esses profissionais mais tranquilos para me indicar ou até mesmo médicos que tivessem na família algum artista, porque a compreensão é maior.

Aos poucos eu fui formando meus contatos e hoje é uma rede sólida, posso contar com eles a qualquer momento, até porque isso tudo se tornou uma diversão, eles adoram quando marco uma consulta, é como se eles também saíssem da rotina e entrassem na imaginação, apesar de ser um trabalho muito sério, de muita pesquisa.

10) Carla Gavilan – Na produção do *Memento Mori*, em que você fez uma série de híbridos somente com a estrutura óssea, você precisou extrair toda a pele, tecidos e órgãos dos animais. É um outro caso em que você procurou um especialista ou você mesmo quem trabalhou nesses corpos?

Walmor Corrêa: Ah, nesse trabalho eu também, com certeza, pude contar com a ajuda e o trabalho de um biólogo, que inclusive hoje é meu amigo. Ele realizava essa limpeza e me entregava os corpos todos desmontados, todos os ossos separados, a partir daí eu criava, eu tive a oportunidade de materializar meus híbridos. Eu quem montei todos eles dessa série.

11) Carla Gavilan – Mas atualmente você também tem realizado a taxidermia, por que achou importante ter de aprender a fazer esse trabalho científico?

Walmor Corrêa: Eu conto muito com a ajuda e com o trabalho dessas pessoas da área científica, da área médica, mas é até inevitável não participar de todo o processo. Eu aprendi a fazer a taxidermia por curiosidade e confesso que até mesmo por questões artísticas. Por exemplo, no começo, parte dessas montagens era feita por esse biólogo. Então funcionava assim: eu pedia a cabeça de tal animal colada no corpo de outro. Mas não ficava como eu imaginava, como eu desejava, aí fui aprendendo a fazer, a montar, a dissecar os animais, a realizar a taxidermia. Porque além da taxidermia eu pude aperfeiçoar os detalhes. Não é apenas a cabeça colada no pescoço, tem o contorno, a continuação dos pelos, das plumas, como se realmente aquele pescoço fosse daquela cabeça.



Figura 7) Walmor Côrrea.

Crédito: Autora, novembro: 2009.

12) Carla Gavilan – Seja de animais, de seres do imaginário ou de homens o seu trabalho fala de corpo. Podemos afirmar que suas obras refletem o seu pensamento sobre as discussões do corpo na contemporaneidade?

Walmor Corrêa: Também. Eu sempre tive essa vontade de questionar a ciência, de brincar com seus limites. Construir os híbridos é isso para mim. Mas assim, meu trabalho é fazer arte, eu sou um artista então meu propósito não é criar seres de verdade, de inventar outras formas de vida, de dar vida de laboratório aos meus seres artísticos, quem faz isso é a ciência, é o papel dela e não meu.



Figura 8) Mistura de arte e ciência nos trabalhos do artista.

Crédito: Autora, novembro: 2009.

13) Carla Gavilan - Mas como artista, você acredita que está localizado onde na ciência?

Walmor Corrêa: Minha intenção é sempre a de encontrar uma *falha* da ciência. Um assunto que me fascina muito é o imaginário dos viajantes europeus na época da colonização do Brasil. Nesses documentos, registros e entrevistas que pesquiso é possível ter uma dimensão desse olhar fantasioso do pesquisador europeu e é aí que eu entro, é aí que eu gosto de produzir.

Nem sempre, é claro, o processo termina em arte, às vezes a pesquisa me resulta apenas em um trabalho intelectual porque eu me debruço em determinado cientista, viajante, naturalista, mas não encontro falhas, não encontro ambigüidades nessas cartas, nesses documentos e então não tem como dar continuidade na parte prática com a arte.

14) Carla Gavilan – Esse trabalho que você preparou para a Sétima Bienal do Mercosul, em Porto Alegre, *A Biblioteca dos Enganos*, é um exemplo de pesquisa que encontrou falhas em documentos importantes e que foram transformadas em arte?

Walmor Corrêa: Com certeza. Há um bom tempo eu tenho me dedicado a leitura dos registros do naturalista Herman Von Ihering. Ele participou de uma expedição para a catalogação de espécies da fauna brasileira, muito comum naquela época porque eles tinham muito interesse em nossa fauna e flora. Em uma das cartas, por exemplo, ele relata a estadia de uma ave, no caso uma andorinha, na vegetação do Rio Grande do Sul. Nesse registro, ele afirma que ainda não sabia se ela estava temporariamente na região para procriação ou se era para “hibernar”. E aí eu me perguntei: Hibernar? Uma andorinha hiberna? E no mesmo momento entrei em contato com meu amigo biólogo, que está sempre trabalhando comigo, para conversarmos sobre isso porque até então eu desconhecia qualquer espécie de ave que hibernasse. E foi então que ele me confirmou essa dúvida, que de fato isso estava equivocado, que andorinha e nem ave alguma hiberna. Eu comentei com ele de onde eu tinha lido e ele ressaltou que, de fato, esse era um tipo de falha comum entre esses cientistas e pesquisadores europeus, o que demonstra que, na verdade, eles também não sabiam tanto assim quanto supomos.

Então, veja bem, isso é encantador para mim porque eu procuro as brechas, as contradições da ciência para que eu possa produzir. É como eu explico, acontece de eu fazer uma intensa pesquisa e não encontrar nada de contraditório, aí eu fico somente com a produção intelectual, sem trabalho artístico. Eu preparei para a bienal uma biblioteca onde apresento cinco falhas no trabalho do Herman Von Ihering, é a *Biblioteca dos Enganos*. É um trabalho em que lembro mais uma vez que a ciência também falha, a medicina também falha, assim como eu que sou artista, assim como tudo no mundo que está sujeito a falhar.

Porto Alegre, 04 de novembro de 2009.